CONGRESSO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO
ISSN 2763-8588

Sequência didática com jogos de alfabetização e textos de tradição oral: um relato de ações do Laboratório de Alfabetização e Letramento em turmas de 2º ano do ensino fundamental

***Isadora Cristina da Silva Felipe*[1]**
***Letícia Lima da Silva*[2]**
***Daniela Freitas Brito Montuani*[3]**
***Maria José Francisco*[4]**

Eixo temático 8: Alfabetização e modos de aprender e de ensinar

Resumo: Este artigo apresenta um relato de prática pedagógica desenvolvida por meio de uma sequência didática com jogos de alfabetização e outros recursos didáticos com textos de tradição oral, como parte do trabalho desenvolvido pela equipe do Laboratório de Alfabetização e Letramento- LAL/Ceale/FaE/UFMG em duas turmas de 2º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Anita Brina Brandão – EEABB, em Belo Horizonte/MG. Destacam-se para o desenvolvimento do trabalho as contribuições de Leal, Albuquerque e Leite (2005) sobre a importância das mediações com jogos de alfabetização para a aprendizagem da leitura e da escrita e de Araújo (2018) sobre a potencialidade do trabalho com textos de tradição oral na alfabetização. Como resultados do desenvolvimento desta sequência didática, destacamos a possibilidade de tratar as especificidades de aspectos da alfabetização em diálogo com habilidades de letramento, ou seja, uma proposta que buscou o alfabetizar letrando. E ainda, por meio da diversidade de estratégias didáticas, recursos metodológicos utilizados e habilidades priorizadas, foi possível perceber a riqueza de um trabalho planejado coletivamente que buscou contemplar as necessidades de aprendizagem de uma diversidade de crianças, demonstrando que é possível o desenvolvimento de atividades que atendam às heterogeneidades das turmas de alfabetização. Além disso, houve grande engajamento nas atividades de produção e revisão textual por se inserirem em um contexto significativo de aprendizagem e em situações comunicativas reais.

Palavras-chave: Alfabetização; jogos de alfabetização; textos de tradição oral; sequência didática

[1] Graduanda da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Bolsista Voluntária do Laboratório de Alfabetização e Letramento. Contato: isadora.cristina1@outlook.com
[2] Graduanda da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Bolsista Voluntária do Laboratório de Alfabetização e Letramento. Contato: limasleticia31@gmail.com
[3]Doutora em Educação pela UFMG. Professora do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação e do Mestrado Profissional em Educação e Docência – PROMESTRE da UFMG. Contato: danielamontuani@ufmg.br
[4] Doutora em Educação pela UFMG. Professora do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da UFMG. Contato: mariajosef@ufmg.br

1. Introdução

Desde o ano de 2021, a equipe do Laboratório de Alfabetização e Letramento da Faculdade de Educação da UFMG – LAL/Ceale/FaE/UFMG realiza, semanalmente, ações presenciais em turmas dos anos iniciais de escolas públicas parceiras. No ano de 2022 as ações foram desenvolvidas em duas escolas do município de Belo Horizonte -MG, a Escola Estadual Anita Brina Brandão (EEABB) e Escola Estadual Professor Alcindo Vieira (EEAV), atendendo diretamente cerca de 100 crianças em processo de alfabetização. Nos encontros com as crianças, foram desenvolvidas várias propostas educativas, tais como: leitura de livros literários, jogos de alfabetização e produção de textos de diferentes gêneros orais e escritos a partir das reflexões com os jogos e as leituras realizadas. Todo o trabalho foi planejado pela equipe do Laboratório por meio de sequências didáticas e desenvolvido pelas bolsistas, pelas coordenadoras do projeto e pelas professoras das escolas.

O presente trabalho busca apresentar uma das sequências didáticas elaborada pela equipe do LAL na E. E. Anita Brina Brandão, em duas turmas do 2° ano do Ensino Fundamental no ano de 2022, visando não só comunicar a proposta do Laboratório em trazer uma abordagem dinâmica e reflexiva para a alfabetização, recorrendo a jogos e outros recursos didáticos, como também trazer luz a discussão sobre a heterogeneidade das salas no que visa aos processos de ensino e aprendizagem após o retorno às aulas presenciais, que haviam sido interrompidas durante os anos anteriores devido a Pandemia de COVID-19.

Para darmos início ao planejamento das ações, foi necessário compreender em qual etapa do processo de aprendizagem as crianças se encontravam de forma que a escolha do jogo e das demais atividades atingissem as habilidades que precisavam ser desenvolvidas. Mostrou-se fundamental, também, refletir sobre a necessidade de adaptação de alguns jogos e atividades para que atendessem àquelas crianças que ainda não estavam plenamente alfabetizadas de modo a incluí-las nas propostas, principalmente, por meio da sequência didática elaborada, que possuía como temática central o trabalho com um tipo de texto de tradição oral, as adivinhas.

O trabalho buscou evidenciar a potencialidade dos textos de tradição oral (no caso, as adivinhas) como gênero favorável para reflexões no processo de alfabetização, considerando que dizem respeito à identidade social e cultural dos sujeitos, o que, em concordância com Araújo (2011, p. 42), “tem relação com manter vivos aspectos da cultura popular, da memória coletiva das manifestações nacionais, locais e regionais, ainda que atravessadas por intervenções e inovações contemporâneas”. Dessa forma, a alfabetização pode ultrapassar

os limites da educação bancária (FREIRE, 1974) na medida em que articula os saberes dos educandos com aprendizagem da leitura e da escrita.

As ações adotadas estiveram vinculadas à concepção de engenharia didática de Dolz (2016) e aos estudos de Zabala (1998) acerca da prática educativa reflexiva que abrange o planejamento e avaliação, ou seja, "um antes e um depois que constituem as peças substanciais em toda prática educacional" (p. 17).

2. O desenvolvimento da sequência didática

O retorno às aulas presenciais implicou diversos desafios para o corpo docente, sendo os principais deles o grande número de crianças que ainda se encontravam em etapas iniciais da compreensão do princípio alfabético e a intensificação da heterogeneidade presente em sala de aula, no qual alguns estudantes se encontravam no nível alfabético ortográfico e outros ainda no nível pré-silábico. Isso demonstra que a Pandemia não foi vivenciada de maneira homogênea por todos. Nesta conjuntura, o principal questionamento era: como propor um trabalho de alfabetização diante de um cenário tão diverso de forma a atingir de forma produtiva várias habilidades que precisariam ser desenvolvidas com todas as crianças.

Como abordado anteriormente, a sequência didática foi realizada em duas turmas do 2° ano do EF que possuíam características muito diferentes quanto à etapa de construção da aprendizagem da leitura e escrita. Sendo assim, era imprescindível pensar em jogos e atividades que incluíssem todos os estudantes e, para isso, foram realizadas reuniões periódicas da equipe para a elaboração de planejamentos e da sequência didática realizada com as turmas, indicando adaptações e ajustes nas atividades e jogos a serem realizados.

A sequência foi desenvolvida em 10 momentos que corresponderam em média a cinco aulas de uma hora e quarenta minutos cada. O quadro a seguir sintetiza as ações realizadas, e a versão completa do planejamento encontra-se disponível no Instagram do LAL[5].

Quadro 1 – Momentos do desenvolvimento da sequência didática

Aula 1	**1º Momento**: Introdução do jogo "Adivinhas Trocando Letras", de Liane Araújo/UFBA ● Levantamento de conhecimentos prévios das crianças sobre adivinhas ● Explicação do jogo
	2º Momento: Atividade de sistematização ● Registro no quadro de algumas adivinhas trabalhadas
Aula 2	**3º Momento**: Desenvolvimento do jogo "Minhas Adivinhas", de Liane Araújo

[5] Instagram: @lal_ufmg - Link para a sequência didática completa: https://drive.google.com/drive/folders/1Bnvv7bCTki-0HRNQ6-QflQZXfGswuVex?sort=13&direction=a Acesso em maio de 2023.

	4º Momento: Brincadeira “Qual é a palavra?” (adaptação do jogo "Quem sou eu")
	5º Momento: Atividade de sistematização (produção individual de adivinhas para o livro de Adivinhas da turma)
Aula 3	**6º Momento:** Correção e reescrita das adivinhas
	7º Momento: Leitura do livro “O que é, o que é”, de Denise Caccese Perrotti.
Aula 4	**8º Momento**: Brincadeiras com as adivinhas produzidas pelas crianças.
Aula 5	**9º Momento**: Escolhas relacionadas à produção do livro (votação do nome do livro)
Aula 6	**10º Momento**: Lançamento do livro de adivinhas das turmas com tarde de autógrafos.

Fonte: Elaborado pelas autoras

Para introduzir a temática, as salas foram divididas em grupos e, fundamentadas pelas interações entre as bolsistas e as turmas, foram levantados os conhecimentos prévios das crianças a respeito do tema, assim como a proposição de diferentes adivinhas, pois, como aponta Araújo (2011, p.46)

> Para trabalhar com adivinhas em atividades de alfabetização, o professor deve, antes, fazer um levantamento das adivinhas lembradas e pesquisadas por todos no grupo, propondo também novas, desafiando-os a responderem. (...) Como se tratam de textos da tradição oral, curtos jogos intelectuais da cultura popular que visam o divertimento, e como circulam entre nós de modo espontâneo, é importante levantar o conhecimento de algumas que os alunos conhecem e brincar de adivinhar antes de propor as atividades de leitura e escrita com elas.

Para a sequência didática de adivinhas, foram utilizados três jogos elaborados pela professora Liane Araújo (LAP/FACED/UFBA), denominados “Adivinhas Trocando Letras”, “Minhas Adivinhas” e “Adivinhas 04 opções”. Além disso, a equipe do LAL explorou o livro “O que é, o que é?”, de Denise Caccese Perrotti, e adaptou o jogo comercial “Eu Sou” (da empresa Estrela) para o jogo “Qual é a Palavra?”, utilizando as imagens nas respostas retiradas do livro citado anteriormente,

O primeiro jogo, “Adivinhas Trocando Letras”, foi proposto com o intuito de adivinhar, analisando o enigma “com sensibilidade, inteligência, especulação, criatividade e paciência. Mas a resposta pode vir também de uma descoberta repentina” (ARAÚJO, 2011, p.39). O jogo constitui-se de três cartelas contendo quatro adivinhas indagativas e letras que as crianças utilizam para montar as respostas. Além disso, o jogo apresenta uma particularidade: apenas a letra inicial das respostas se difere do resto das letras.

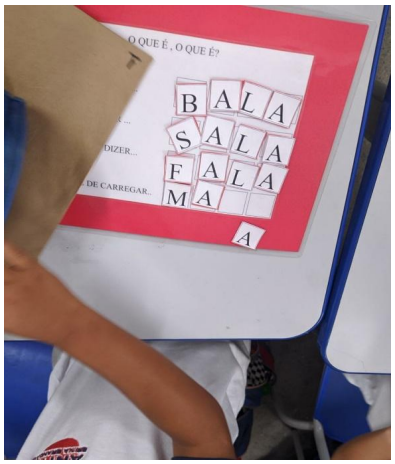

Figura 1: Momento do Jogo “Adivinhas Trocando Letras”
Fonte: Acervo do projeto.

Nesse contexto, considerando a interação leve e lúdica, notou-se o interesse e a diversão das crianças, sobretudo daquelas crianças com dificuldade na leitura e escrita. A atividade de sistematização foi realizada de forma interativa, utilizando o quadro branco e pincel marcador, promovendo a percepção das crianças acerca dos pares mínimos, que são:

> [...]duas palavras com significados diferentes cuja cadeia sonora seja idêntica exceto por um segmento na mesma posição estrutural. Um par mínimo identifica dois fonemas. Um exemplo de par mínimo em português consiste das palavras caça [kasa] e casa [kaza], caracterizando os fonemas /s/ e /z/. (SILVA *apud* SOARES, 2016, p. 195).

Para a segunda aula, apresentamos o jogo adaptado “Qual é a palavra”, no qual o objetivo era perceber, por meio de perguntas geradoras, qual era a imagem colada na testa de seus pares. Desse modo, a brincadeira se tornou potencializadora do movimento de examinar a estrutura de uma frase para elaborar novas orações. Como atividade de sistematização do conhecimento construído, foi sugerida a elaboração de uma adivinha pelas crianças, cuja resposta, em uma turma, deveria estar relacionada com a carta da brincadeira de cada criança e, na outra, a resposta estava a critério de cada criança. Nesse momento, as crianças relacionaram os jogos utilizados anteriormente à atividade de sistematização apropriando-se das estruturas presentes no gênero e reproduzindo-as em sua escrita. Para finalizar, as bolsistas propuseram a elaboração de um livro com as adivinhas produzidas pela turma.

Os jogos de tradição oral trabalhados durante o desenvolvimento da sequência promoveram, também, o desenvolvimento da consciência fonológica, essencial no processo de alfabetização, na medida em que eram explorados os segmentos sonoros (sílabas, rimas) presentes nas palavras das adivinhas. Como constata Liane Araújo (2015), esses textos de tradição oral “favorecem a reflexão fonológica e fonográfica, o ajuste do escrito ao oral, a pesquisa inteligente sobre as palavras escritas.” (p.17)

Posteriormente à produção das adivinhas, foi proposta a realização da correção dos textos em duplas e reescrita das adivinhas, com o apoio e mediação das bolsistas. Além disso, após uma análise inicial dos erros comuns nos textos produzidos, as bolsistas exploraram esses erros, em conjunto com as crianças, explicitando no quadro a forma correta da escrita de determinadas palavras. Foi um rico momento de análise de palavras de forma coletiva de forma a evidenciar as dúvidas apresentadas pelas crianças.

Na terceira aula, foi realizada a leitura do livro “O que é, o que é”, de Denise Caccese Perrotti, com o intuito de aprofundar a interação com o “gênero textual (oral), convidando a participar, jogar, decifrar” (ARAÚJO, 2011, p.39). As crianças foram incentivadas a descobrir as respostas das adivinhas propostas pelo livro, levantando hipóteses e, por fim, comparando-as com as respostas ao final da obra.

Na quarta aula, foi realizada uma atividade de socialização e leitura das adivinhas criadas. As crianças foram separadas em duplas e, as adivinhas já escritas e corrigidas, foram entregues em pequenas tiras para que cada criança pudesse ler para que seu colega tentasse descobrir a resposta. Nessa atividade, valorizamos o uso desse texto em sua função lúdica, propiciando às crianças vivenciarem o gênero textual em uso, pois, muitas vezes, os textos produzidos são "engavetados" pelo professor ou são explorados apenas na leitura dos livros didáticos e atividades xerocadas, sem terem a oportunidade de explorarem sua natureza primordialmente "brincante".

Para a quinta aula, as bolsistas confeccionaram uma urna e cédulas para que as crianças decidissem, por meio do voto, qual seria o nome do livro que lançariam. É importante ressaltar que essa sequência ocorreu no período da eleição presidencial no Brasil, e essa era uma pauta comum entre as crianças, demonstrando, de acordo com Sarmento (2007, p. 37), que, embora essa parcela da sociedade seja privada de exercer seus direitos políticos, como o voto, elas não deixam de exercer participação política. Ainda em concordância com Sarmento (2007, p. 38): “a exclusão das crianças da acção política directa caminha a par do efeito simbólico de sua invisibilização política”, dessa forma, atividades dessa natureza demonstram sua importância na medida em que contribuem, ainda que de forma insuficiente, com a ruptura da lógica dessa invisibilização.

Em relação ao desenvolvimento, as bolsistas iniciaram com uma discussão sobre as eleições e pediram para que as crianças propusessem nomes para os títulos e cada sugestão foi enumerada no quadro. A atividade, além de divertida, ampliou as concepções que os educandos tinham sobre as eleições, principalmente após a escolha do resultado eleito democraticamente, pois era necessário respeitar o voto da maioria.

No último dia da sequência, houve o lançamento dos livros das turmas e uma sessão de autógrafos. Durante a sessão, a equipe do Laboratório distribuiu canetas para que as

crianças pudessem assinar seus nomes, além disso, as crianças leram suas adivinhas para outras turmas da escola. A ação, além de mobilizar os educandos, contou com a presença da das professoras regentes de cada turma, da bibliotecária escolar e da coordenação pedagógica da escola.

Figura 2: Lançamento do livro das turmas.
Fonte: Acervo do projeto

Figura 3: Tarde de autógrafos com as crianças.
Fonte: Acervo do projeto.

3. Considerações finais

Considerando a experiência realizada por meio da produção do livro de adivinhas, observou-se que, ao propor uma atividade que envolvia vários recursos (produção de texto, brincadeiras, leituras, jogos, atividades individuais e em grupo, sessão de autógrafos, etc), foi possível envolver as crianças mesmo considerando a diversidade do nível de aprendizagem. Percebeu-se também que, por meio das propostas, as crianças demonstraram maior participação e interesse na escrita. Assim também ocorreu com o restante do corpo escolar: em relato, uma das professoras afirmou que passou a utilizar jogos em sala de aula e a dividir

a turma em duplas nas sextas-feiras. Percebemos, portanto, que se tratava de uma ação que, além de favorecer o aprendizado das crianças, também motivava docentes para a continuidade do projeto.

Outra característica que se destacou foi a motivação das crianças em revisar o texto. Geralmente, quando era necessário fazer a revisão, elas não demonstravam interesse em reescrever por acreditarem que seria um trabalho difícil e não tão relevante. Todavia, ao propor a confecção de um livro que seria exposto para toda a comunidade escolar, as crianças perceberam a necessidade de aprimorar sua escrita. Dessa forma, uma atividade que antes era vista como entediante foi realizada de forma orgânica e entusiasmada, levando os estudantes a compreenderem os motivos pelos quais um texto deve ser revisado, e, consequentemente dando sentido à revisão textual.

Por fim, a equipe do Laboratório considera que o trabalho realizado atingiu os objetivos propostos: a elaboração de uma sequência didática que atendesse todas as crianças de forma produtiva, independente do seu nível de aprendizagem. Todavia, esse trabalho não teria se concretizado sem o que consideramos ser mais relevante: a coletividade, a pesquisa, o planejamento e a crença de que na valorização da Educação Pública se encontra o direito do acesso a todos os outros direitos. Desse modo, entendemos que é possível desenvolver um trabalho que envolva o alfabetizar e o letrar para que seja garantido o direito de as crianças "lerem o mundo".

Deve-se ressaltar também a importância das universidades públicas nesse processo. Todo o trabalho executado na EEABB foi produzido por bolsistas voluntárias e orientado por docentes universitárias. Portanto, é essencial continuar a fomentar o vínculo entre universidades e escolas públicas, de modo a criar uma rede de aprendizados, além de aprimorar os recursos didático-pedagógicos por meio desse diálogo.

Referências

ALBUQUERQUE, E. B. C.; LEAL, T. F. (orgs.). **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

ARAÚJO, L. C. A dimensão material da ação e formação de alfabetizadores. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 13, n. 27, p. 311-329, maio/ago. 2018;

ARAÚJO, L. C. Inter-relações entre oralidade e escrita no componente curricular Língua Portugues'**.** In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. A oralidade, a leitura e a escrita no ciclo de alfabetização.** Caderno 05, Brasília: MEC, SEB, 2015.

ARAÚJO, L. C. **Quem os desmafagafizar, bom desmafagafizador será: Textos da Tradição Oral na Alfabetização.** Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2011.

DOLZ, J. As atividades e os exercícios de língua: uma reflexão sobre a engenharia didática. **Delta**, v. 32, n. 1, p. 237-260, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 1974.

LEAL, T. F.; ALBUQUERQUE, E. B. C.; LEITE, T. B. S. R. **Jogos: alternativas didáticas para brincar alfabetizando** (ou alfabetizar brincando?). In: MORAIS, A. G.;

SARMENTO, Manuel. Visibilidade social e estudo da infância. In: SARMENTO, Manuel; VASCONCELLOS, Vera. **Infância (in)visível**. São Paulo: Junqueira&marin, 2007. p. 25-49.

SOARES, Magda. **Alfabetização**: A questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016.

ZABALA, A. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.